

COLETIVOS DE MULHERES ARTISTAS COMO ESPAÇOS DE APARIÇÃO NA SOCIEDADE CAPITALISTA



V SICCAL

[GT3 - FEMINISMOS E RELAÇÕES ETNICORRACIAIS]

Juliana Ben Brizola da Silva

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), UFSC, Florianópolis, SC

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este trabalho apresenta análises e percepções iniciais sobre formas criativas e feministas de resistência ao capitalismo, produzidas por coletivos de mulheres artistas na contemporaneidade. A emergência de coletivos de arte ativistas – a maioria formada por mulheres e por pessoas LGBTQIA+ – evidencia novos modos de resistência e de existência na sociedade capitalista; se eles surgem como reação à ideologia dominante e à onda de regimes autoritários, eles também aparecem apesar do capitalismo e dos fascismos contemporâneos, figurando como espaços de aparição, nos termos de Butler (2012). Processo criativo e atuação política se entrelaçam nas obras, práticas e reflexões produzidas nestes coletivos, nos revelando uma sensibilidade artística intrinsecamente vinculada aos afetos, mostrando que as emoções têm uma importância na política. Interessa-me perceber como os afetos são mobilizados na prática ativista e como a atuação dos coletivos pode apontar caminhos para a transformação social.

Palavras-chave: Coletivos. Mulheres. Artistas. Ativismo. Afetos.

This work presents analyzes and initial perceptions about creative and feminist forms of resistance to capitalism, produced by contemporary women artists' collectives. The emergence of activist art collectives - many of them formed of women and LGBTQIA+ people - highlights new modes of resistance and existence in capitalist society; if they arise in reaction to the dominant ideology and the new wave of authoritarian regimes, they also appear despite contemporary capitalism and fascism, appearing as apparition spaces, in Butler's terms (2012). Creative process and political action are crossed in the works, practices and reflections produced in collectives revealing to us that emotions and affections have an importance in politics. I am interested in understanding how artistic sensibility and affections in general are mobilized in the activist practice of these collectives and how their performance can point to paths for social transformation.

Keywords: Collectives. Women. Artists. Activism. Affections.

Este trabajo presenta análisis y percepciones iniciales sobre las formas creativas y feministas de resistencia al capitalismo, producidas por colectivos de mujeres artistas contemporáneas. El surgimiento de colectivos de arte activistas - muchos de ellos compuestos por mujeres y personas LGBTQIA + - resalta nuevos modos de resistencia y existencia en la sociedad capitalista; si surgen como reacción a la ideología dominante y la ola de regímenes autoritarios, también aparecen a pesar del capitalismo y el fascismo contemporáneos, apareciendo como espacios de aparición, en términos de Butler (2012). Proceso creativo y acción política se

cruzan en las obras, prácticas y reflexiones producidas en colectivos, revelándonos una sensibilidad artística muy conectada a los afectos, enseñando el valor de las emociones en la política. Me interesa comprender cómo los afectos se movilizan en la práctica activista y cómo la actuación de los colectivos puede señalar caminos de transformación social.

Palabras clave: Colectivos. Mujeres. Artistas. Activismo. Afectos.

Apresentação

O poder da coletividade como forma de enfrentamento ao colonialismo e ao capitalismo tem sido tema recorrente nos debates feministas contemporâneos. Os diversos feminismos têm alertado sobre a importância da coletividade na resistência às políticas neoliberais dos governos atuais. Enquanto **eles** fomentam o individualismo, o consumismo, a precariedade da vida e das relações, **nós** nos organizamos em coletivos para defender outras formas de vida possíveis.

Na contramão do apelo ao individualismo próprio da sociedade capitalista pós-industrial, observa-se a emergência de coletivos de arte ativistas. Neste universo, destacam-se os coletivos de mulheres artistas, que vêm ocupando um espaço cada vez mais significativo na cena contemporânea brasileira. Abrasabarca (SC), Coletivo Arremate (CE), Slam das Mina (SP, RJ, MG, RS, PE, DF, BA), Minas de Minas Crew (MG), Pinte e Lute (SC), Cores de Aidê (SC), Coletivo Nega (SC), Palabreria (SP), Coletivo Antonietas (CE), Coletivo Elza (SC) são alguns exemplos de coletivos de mulheres que a partir de diferentes linguagens artísticas – da dramaturgia à literatura, passando pelas artes visuais, as artes urbanas, o audiovisual, a música, e a performance – mobilizam pautas feministas, decoloniais, antirracistas, anticapitalistas.

Em contrapartida às políticas neoliberais, dominadas pela biopolítica (Foucault, 1997) e pela necropolítica (Mbembe, 2018), emergem políticas de vida. Se os coletivos de arte surgem como reação à ideologia capitalista e à nova onda de regimes autoritários,

eles também aparecem **apesar do** capitalismo e dos fascismos contemporâneos.

Neste trabalho busco perceber, conhecer e analisar a relação entre processo criativo e atuação política no interior de coletivos de mulheres artistas em atividade no Brasil, percebendo também como a sensibilidade artística e os afetos em geral são mobilizados, fluem, emergem na prática ativista. Interessa-me perceber como as ideias, práticas e obras destes coletivos ocupam as ruas e os espaços públicos, resultando em espaços de aparição na sociedade capitalista.

Torna-se importante salientar que eu falo do lugar de artista, pesquisadora e integrante de um coletivo de mulheres poetas no sul do Brasil. Sendo assim, meu olhar não é neutro ou distante, no entanto, faço o exercício epistemológico de me distanciar do familiar (Elias, 1980) para perceber e refletir sobre aspectos que passam despercebidos na minha vivência como poeta e como integrante de um dos coletivos pesquisados. Falo também a partir do lugar, inevitável e contingente, de mulher não branca de classe média, sulista, em idade fértil, um lugar que me constitui enquanto sujeita situada, mas que não me define completamente.

Coletivos e ativismo

Para adentrar o universo dos coletivos de arte é preciso entender o que define um coletivo, o que o diferencia de um grupo ou de uma iniciativa cultural coletiva.

Coletivos são os agrupamentos de artistas ou multidisciplinares que, sob um mesmo nome, atuam propositalmente de forma conjunta, criativa, autoconsciente e não hierárquica. O processo de criação pode ser inteira ou parcialmente compartilhado e buscam a realização e visibilidade de seus projetos e proposições (Paim, 2009, p. 11).

Coletivos de artistas podem formar iniciativas coletivas, assim como uma iniciativa coletiva pode abarcar diferentes coletivos em sua proposta de ação, no entanto, uma coisa não se confunde com a outra, pois iniciativas coletivas são

[...] projetos de autogestão de equipes de trabalho constituídas por artistas ou mistas, que se formam para um determinado fim e que não pretendem estabelecer vínculos como nos coletivos, nem têm o propósito de formar um coletivo (Paim, 2009, p. 12).

Para além de objetivos comuns e de ação conjunta, a ideia de coletivo pressupõe vínculos entre seus membros, e estes vínculos, em geral, resultam de um compartilhar de desejos, angústias, opressões, projetos de vida, identidades, formas de ser, sentir e estar no mundo. Dentro de um coletivo de artistas, nem sempre a produção de uma obra de arte é o foco do trabalho conjunto; muitas vezes, o foco são as relações sociais e os processos de trabalho que ali se estabelecem. A existência e saúde do coletivo costumam ser o centro, de modo que os trabalhos artísticos e a busca por visibilidade tornam-se o resultado do debate de ideias, da troca de experiências, da escuta atenta, do respeito ao lugar de fala, do tecer relações, do desejo de justiça. Por isso, podemos

dizer que há uma estreita relação entre coletivos de arte e ativismo.

Coletivos de arte privilegiam processos de trabalho e a multidisciplinariedade dos campos teóricos, muito mais que a produção do objeto de arte tradicional, lançando em suas ações um vocabulário oriundo das “ciências da guerra” e compartilhando com a esfera do ativismo dois conceitos importantes: *táticas e estratégias* (Mesquita, 2008, p. 13).

Coletivos de arte buscam criar estratégias para promover suas ações coletivas, ações estas que não raro resultam em enfrentamentos políticos, revelando a atuação ativista dos coletivos. Entendo atuação ativista como práticas organizadas de contestação ou de reação a pautas hegemônicas. Se ativismo é defender uma causa, buscando a transformação social de uma dada realidade, a atuação ativista é a prática política engajada, comprometida com tal transformação. A arte ativista seria então aquela que se propõe a criar outras formas de emancipação do sujeito, conectando e produzindo posicionamentos éticos e estéticos aliados a movimentos de contestação (Mesquita, 2008).

Os coletivos artísticos costumam abordar questões políticas, pois, em certa medida, eles são “uma resposta colaborativa a condições históricas específicas, a momentos de grande insegurança política e social, ou a momentos de cerceamento das liberdades e estreitamento do horizonte cultural e social” (Mesquita, 2008, p.50). Nesse sentido, podemos dizer que os coletivos de arte emergem como reação ou resistência a políticas de estagnação ou de retrocesso de direitos.

Coletivos de mulheres artistas como espaços de aparição

Na sociedade neoliberal e no estágio atual do capitalismo necropolítico em que vivemos, emergem diversos movimentos de resistência e o que Butler irá chamar de **espaços de aparição**, lugares de existência do público, lugares em que o povo ocupa as ruas, as praças e os demais espaços ditos públicos (2012). O termo **espaços de aparição** não se refere apenas a locais físicos, mas se estende a lugares no mundo, tanto os que existem, os que foram conquistados com luta e resistência, como também aqueles que ainda virão. Espaços de aparição são as grandes manifestações e assembleias que reúnem multidões em prol de uma causa ou objetivos comuns, mas também os movimentos sociais que reivindicam os direitos dos grupos sociais subalternizados, as ações coletivas de reação às políticas racistas, machistas, capitalistas, capacitistas, classistas, homofóbicas, transfóbicas, xenofóbicas, colonialistas, sendo também suas possibilidades de emergência.

Em seu artigo *Cuerpos en alianza y la política de la calle*, Judith Butler nos fala de uma disputa por hegemonia que intervém na organização espacial do poder, uma luta por ocupação e criação de espaços de atuação política, uma busca por localizações espaciais onde uma população pode aparecer, o que significa que no regime “democrático” atual há uma restrição espacial sobre quando e como a “vontade popular” pode aparecer (2012).

Sabemos que o neoliberalismo é muito mais que um conjunto de políticas econômicas conservadoras e liberais. Ele é muito

mais que a defesa do Estado mínimo e da propriedade privada. Há uma racionalidade neoliberal que afeta diferentes dimensões da vida social (Kayser, 2019). Sabemos também que a necropolítica instaura-se como forma de poder e de dominação no atual estágio do capitalismo (Mbembe, 2018). A biopolítica de Foucault se agudiza, dando lugar a uma política de morte que se realiza a partir do extermínio das populações subalternizadas e empobrecidas.

Percebo os coletivos de arte ativistas, particularmente os coletivos de mulheres artistas contemporâneos, como políticas de vida que emergem em contrapartida às políticas de morte, estas últimas orquestradas pelas grandes corporações aliadas aos governos fascistas e neoliberais. Neste sentido, entendendo os coletivos de mulheres artistas como espaços de aparição na sociedade capitalista; se por um lado eles mobilizam pautas contra-hegemônicas, atuando de forma coletiva, criativa e não hierárquica, por outro lado, eles representam a abertura de um espaço político, eles são as possibilidades de emergência de novos e outros sujeitos políticos, de ações e movimentos transformadores, de outro mundo possível.

Se os coletivos de mulheres artistas surgem como reação à necropolítica, paradoxalmente, eles também aparecem **apesar da** necropolítica, como oásis no deserto da contemporaneidade. Trago a metáfora de Hanna Arendt para pensar os oásis como esferas da vida que “existem independentemente, ao menos em larga medida, das condições políticas”, pois

[...] o que deu errado foi a política, a nossa existência plural, não o que podemos fazer e criar em nossa existência no

singular: no isolamento do artista, na solidão do filósofo, na relação intrinsecamente sem-mundo entre seres humanos tal como existe no amor e às vezes na amizade – quando um coração se abre diretamente para o outro, como na amizade, ou quando o interstício, o mundo, se incendeia, como no amor (Arendt, 2010, p. 269).¹

E se o isolamento do artista moderno e a solidão do filósofo moderno transformam-se no compartilhar de ideias, afetos e projetos de arte em coletivos, potencializando as singularidades ao mesmo tempo em que valorizam as identidades? E se as esferas da arte e da filosofia se encontram em relações e propostas artísticas ativistas onde o amor e a amizade são cultivados? Se o que deu errado foi a política, como nos revela Arendt, talvez a criação artística em coletivos ativistas formados por mulheres possa apontar caminhos para reconfigurar nossa existência plural na contemporaneidade. Ao focarem nos vínculos e afetos entre seus membros, ao buscarem romper oposições binárias – como razão e emoção, mente e corpo –, ao unirem sentimentos como o amor e a amizade com a revolta e a coragem, os coletivos de mulheres artistas mobilizam seus arsenais poéticos políticos, entrelaçando processo criativo com ativismo, construindo ações e relações potentes.

¹ Este trecho foi extraído de um texto que resulta da transcrição de um curso intitulado “A História da Teoria Política”, ministrado por Arendt na primavera de 1955. Ele faz parte do livro “A promessa da Política”, seleção póstuma de escritos que a filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) produziu durante a década de 1950.

Abrasabarca e Slam das Mina: afeto, escuta, revolta

Ouçô a música
enquanto penso que todos os meus
poemas
são de amor
mesmo o da revolta
não sei se é porque com eles se escreve
a sensação de exposição íntima
do peito que se rasga
da carne à mostra
ou pelas palavras
imagens
que visitam e povoam
os olhos, as palavras, as dores, os movi-
mentos
de um corpo outro
teu.
Elisa Tonon
Abrasabarca²

Abrasabarca se autodefine como uma coletiva de mulheres que se dedica à pesquisa, descoberta e (re)invenção poética. Formada em 2015, “a coletiva nasce já nascida”, de acordo com a pesquisadora Luciana Di Leone; surge de “encontros pra ler poemas e falar de literatura em torno da mesa, da fogueira, do vinho, dos livros” (Di Leone, 2020, p. 88). A escrita autoral e a dinâmica polifônica acontecem a partir de uma proposta de rodadas de perguntas, que funcionam como convite e provocação para a escrita de poemas e outros experimentos. As respostas vêm em forma de poema e alimentam novas criações, cultivando a troca,

² Texto extraído do site da coletiva: <https://abrasabarca.com>

o atrito, as faíscas todas. A escrita atravessada, a palavra de uma que ressoa na outra, a leitura e a escuta atentas, manifestam-se nos textos escritos, falados, jorrados e performados nos espaços públicos e privados. Nas performances, o público é convidado a se atravessar também. Nos saraus promovidos pela coletiva, perguntas-faíscas são lançadas de antemão servindo como chamado para interações-respostas poéticas (autorais ou não). Em setembro de 2018, uma das integrantes lançou a pergunta “E a revolta, o que é?”.

Um gosto amargo na boca?
Uma libertação?
Barricadas, caminhos fechados,
desvios para aonde devemos ir
de fato?

Um poema feito de cuspe?
Aquele pensamento ardente que
não encontra palavras
nem hora para se expressar...
Revolta revolta n'areia imensa da
minha solidão.
[...]

Ibriela Sevilla
(Sevilla, Ibriela; Louise, Ariele; Tiscoski,
Lu; Araújo, Ana; Tonon, Elisa; Pereira,
Juliana; Ben Juliana, 2019).

Nos meses que se seguem, Ana e Elisa respondem a pergunta.

A gente já tinha escrito
Sobre a revolta uma vez

Tinha partido a palavra em duas
E ela morreu ali
Dissecada etimologicamente.

Descobrimos que era irmã
Da revolução
volução significava volta
ímpar de volição, desejo

A gente já tinha escrito
Sobre a revolta uma vez
[...]

AnaAraújo

(Sevilla, Ibriela; Louise, Ariele; Tiscoski,
Lu; Araújo, Ana; Tonon, Elisa; Pereira,
Juliana; Ben Juliana, 2019).

[...]
revolta é quando eu vejo o mofo
fazendo desenho nas paredes
cicatrices de um longo inverno úmido
na ilha
ao sul
e depois fungos e mínimos insetos sur-
gem e devoram um bom tanto do mofo
rasurando parte dos desenhos

ou revolta é quando a gota de kiboá cai
na toalha
fazendo um desenho indelével

ou quando uma fibra de fruta ou carne
se aloja no espaço entre os dentes
e eu não consigo tirar
com os contorcionismos da língua
nem com o canto da unha

mas nada disso é ainda a revolta
desastres do cotidiano
grafia dos dias
e a maior inaptidão ao desenho
[...]

Elisa Tonon

(Sevilla, Ibriela; Louise, Ariele; Tiscoski, Lu; Araújo, Ana; Tonon, Elisa; Pereira, Juliana; Ben Juliana, 2019).

Revolta, erotismo e devaneios sobre o cotidiano são temas presentes nos diálogos da Abrasabarca. As experiências das poetisas, suas reflexões políticas, seus desejos de amor e de revolta se atravessam na escrita individual e coletiva, evidenciando as denúncias implícitas e explícitas, como também as possibilidades de criação e interação na coletiva. As vontades de ocupar o espaço público, de ser espaço de aparição, de criar, recriar e transgredir em coletivo, movem a Abrasabarca, assim como acontece em outros coletivos feministas.

Para Abrasabarca, a ideia de ser um coletivo de poesia pressupõe pensar a autoria de forma diversa do habitual. No primeiro livro da coletiva, intitulado “Abrasabarca” (Ed. Medusa, 2018), os poemas não são assinados no corpo do texto ou no sumário, de modo que a/o leitora/leitor só descobre as autorias quando encontra as minibiografias das autoras localizadas no final do livro.

A autoria, tão cara à modernidade, se dispersa e logo se retoma; os lugares do escritor e do leitor se desterritorializam e se reterritorializam sucessivamente. Então, ainda que não se trate de “ecologias culturais” de grande amplitude, não se deixa de propor uma intervenção na trama pública, e principalmente na trama cotidiana e singular de cada escritor/leitor (Mesquita 2008: 48), cujas reverberações não são calculáveis. Em outras palavras, o que se propõe são interferências entre sujeitos, em textos, nas dimensões da linguagem, no fluxo

automatizado das relações, desaguando em mais textos, investigações, debates, leituras, publicações, oficinas (Di Leone, 2020, p.89).

Neste processo de produção e exibição artística e na convivência inerente à existência de um coletivo, aparecem também divergências, dissidências e conflitos, muitos deles ligados a posicionamentos políticos e formas de ser-estar no mundo. Como já atenta Luciana Di Leone, “Abrasabarca é, então, um conjunto de ações que se dá em paralelo e, às vezes, em dissonância” (2020, p.88).

Sabemos que a categoria **mulher**, por exemplo, não define uma experiência ou existência, mas sim engloba e articula semelhanças e diferenças entre as diferentes mulheres. Os marcadores sociais – particularmente os de raça, classe, sexualidade, origem geográfica e geração, mas não apenas estes – constituem sujeitas que se reconhecem como parte de determinado grupo e este reconhecimento molda consideravelmente suas vivências, criando tensionamentos na coletiva³.

Os temas abordados pelos coletivos de mulheres artistas, que se refletem tanto nas obras produzidas como na organização social do coletivo, são diversos. Se por um lado destacam-se as temáticas de denúncia e revolta – o controle dos corpos femininos, o silenciamento das mulheres negras, a hipersexualização das corpos negras, o assédio sexual, o racismo, o classismo,

3 A coletiva é formada por mulheres cisgênero brancas e pardas, hetero e bissexuais, de 30 a 49 anos, de classe média, oriundas de diferentes cidades (interior e capital) de estados do sul e do sudeste do Brasil.

a homofobia, o machismo – por outro, ganham força temas como o amor livre, o erotismo feminista, a potência do coletivo, o poder da ancestralidade, o sonho, o delírio, o tempo.

A diversidade de temas reflete as diferenças e singularidades tanto dos coletivos entre si, como das integrantes que compõe um mesmo coletivo. A diversidade e a diferença também nos falam sobre a existência destes coletivos **em reação às** políticas hegemônicas de controle e extermínio e **apesar delas**. Se por um lado as obras e as ações políticas dessas mulheres denunciam violências e sistemas de opressão, por outro, elas existem e comunicam para além das condições políticas, como os oásis de Hanna Arendt, mostrando outra face de resistência e re-existência dos coletivos de mulheres artistas.

O coletivo Slam das Mina – que surge como coletivo e se espraia como uma iniciativa cultural – também une poesia e performance, mas de um jeito um tanto diferente se comparado com o Abrasabarca. Por estar vinculado à dinâmica do Slam, que é uma competição focada na poesia oral e também uma manifestação cultural das periferias, o Slam das Mina tem uma linguagem própria que reflete as realidades e identidades sociais das integrantes do coletivo. Em sua página do Facebook, elas se definem “Slam das Minas é uma brincadeira lúdico poética para desenvolvimento da potência artística de mulheres (sejam héteras, bis, pans, lésbicas ou trans) e pessoas queer, agender, não binárias e trans” (<https://www.facebook.com/slamdasminasrj>).

O coletivo surge no Rio de Janeiro, em 2017, como uma batalha de poesia organizada pelas poetisas Carol Dall Farra, Débora Ambrósia, Genesis, Letícia Brito, Lian Tai, Rejane Barcellos e DJ Bieta. Rapidamente o coletivo torna-se uma rede, uma iniciativa cultural que toma todo o país. Hoje o Slam das Mina está em quase em todas as regiões do Brasil, formando coletivos que representam a proposta artístico-cultural nas cidades e estados onde atuam.

Os temas abordados pelo Slam das Mina são muitos, no entanto, se destacam o tom e o texto de denúncia social:

Chamam as putas de mulheres da vida
 Quisera eu ser da vida
 Se uma mulher não é da vida
 Ela é de quem?
 De um homem?
 Bela, recatada e do lar
 Bela adormecida
 Salva por beijos não consentidos
 Bela e a fera
 Aprisionada em um palácio
 Apaixonada pelo seu raptor
 É isso que chamam e amor?
 O homem é da vida
 A mulher não pode porque ela tem que
 ser do marido
 E pra isso deve ser bela

 Adormecida ou amordaçada
 Senão, coitada, é mal-amada
 Nem serve para ser propriedade
 privada
 Quantas vezes você, mulher, fez sexo
 sem tesão

 Em troca de amor ou por alguma possi-
 bilidade de afeto
 Dizendo que isso é o certo

Enquanto recolhe as meias do cara
pelo chão
Chamando a puta de coitada
E ela que é remunerada
Porque isso que você faz dentro de
casa, mulher,
É trabalho
Isso que você faz na cama
É trabalho
Isso que você faz o dia inteiro
É trabalho, trabalho, trabalho
Em dupla, em tripla jornada
Te disseram que era amor, né?
Era cilada

@liantai
Slam das Mina RJ

Desde cedo na minha vida
Eu já achava engraçado
O que meu pai achava certo
Minha mãe achava errado
Ele sempre sentado na sala olhando
pra TV
E minha mãe na casa toda
Arrumando o que fazer
E até hoje eu não entendo o porquê da
confusão
Porque se um dia teve química
Ela entrou em combustão
Deve ser por isso que hoje eu não ligo,
não me importo,
Com boas maneiras, vidas perfeitas,
aparências
Porque atrás da cortina, do espetáculo
família
Tradição é o conflito e ele cria
hipocrisia
Só que a gente vai crescendo os olhos
vão se abrindo
Pra quem te via como um herói
Você foi um ótimo inimigo
E tudo que eu vi, que eu passei

Agora eu vou guardar
Vida boa só de rei
Então não vou me prolongar
E tudo que eu tive
Eu nunca vou me esquecer
Casa, comida e escola
As escolhas que eu pude ter
Mas os privilégios que eu tive
Que deixaram na minha porta
Não te dão espaço para escrever os
fatos da minha história
A vida que eu trago, o mundo que eu
carrego
Não são para comparações
Pra saber quem tem o mérito
A única certeza é vencer minha pró-
pria dor
Porque a mim não classificam
Inclusive nem mesmo a minha cor
É guerra de cá
Guerra de lá
Eu já nem sei pra onde eu vou
Sei que a luta que eu quero
É pra acabar com esse opressor
Agora cê imagina
Eles me chamam de menina
Se julgam superhomens
Então eu sou mulher maravilha
Pinta suas unhas, deixa o cabelo
crescer
Imagina
Nem minha mãe eu soube obedecer
Um garota louca, beijando outra garota
Você ainda não viu nada do que sai da
minha boca
(...)
@annamoura44
Slam das Mina SP

Os poemas de Anna e de Lian nos
falam sobre a opressão das mulheres, sobre
a hipocrisia de uma sociedade que valo-
riza a família tradicional e que varre pra

debaixo do tapete as violências que sofrem as pessoas que não se encaixam em um padrão de homem ou mulher. Os poemas falam de afetos, no sentido de afetar e ser afetada pelas pessoas e pelas experiências e de trazer à tona tudo isso em forma de texto, voz, corpo e reflexão (Ahmed, 2015). Emoção e razão conectam-se na produção poético-política das integrantes do Slam das Minas, assim como costuma ocorrer nos coletivos de mulheres artistas. Dissipar os binarismos que formam nossas subjetividades na sociedade capitalista é um desafio e ao mesmo tempo uma estratégia encontrada pelas mulheres artistas para romper estigmas, estereótipos e desafiar os códigos patriarcais e coloniais que sustentam as relações sociais na contemporaneidade.

Considerações finais

Os coletivos de mulheres artistas ao unir arte, ativismo e afetos feministas produzem não apenas obras, mas também vivências, processos colaborativos, relações sociais menos hierárquicas, se constituindo como uma rede de apoio e valorização entre mulheres e pessoas LGBTQIA+. Os trabalhos artísticos e as dinâmicas vivenciadas no coletivo alimentam o processo criativo e o ativismo, gerando reflexões e ações que transbordam do coletivo, chegando ao público das minorias sociais – que são uma maioria real – sedento por mudanças. Os coletivos de mulheres artistas se configuram como espaços de aparição na sociedade capitalista contemporânea, pois vêm provocando fissuras no modelo opressor de sujeito capitalista, um sujeito que se

vende como neutro, mas que na verdade é masculino, branco, heterossexual.

A emergência e disseminação dos coletivos de mulheres artistas no Brasil evidenciam os desejos de mudança de pessoas oprimidas, que cada vez mais repudiam as práticas e políticas capitalistas de morte e de controle social dos corpos dissidentes. As obras dos coletivos ocupam as ruas, as casas, os espaços públicos, com rebeldia, confiança, afeto e sabedoria, influenciando e criando movimentos artísticos e encorajando pessoas subalternizadas a se expressarem. Percebo os coletivos de arte contemporâneos, particularmente os de mulheres artistas, como espaços de aparição, onde afetos, desejos e reflexões críticas são mobilizados, criando redes ativistas de amor e de revolta. ■

[JULIANA BEN BRIZOLA DA SILVA]

Doutoranda no Programa de Pós-graduação

Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH),

UFSC. E-mail: juliana.ben.brizola@gmail.com

Referências

AHMED, Sara. **Vínculos feministas**. In: La política cultural de las emociones. México: UNAM, 2015.

ARENDT, H. **O deserto e os oásis**. In: ARENDT, Hannah, A promessa da política. Organização e introdução de Jerome Kohn, tradução: Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2010, pp. 266-269. Acessível em: <https://labirintosdoser.blogspot.com.br/2016/09/hannah-arendt-epilogo-ao-livro-promessa.html>

BUTLER, Judith. **Cuerpos en alianza y la política de la calle**. Revista Transversales, 2012. Acessível em: <http://www.trasversales.net/t26jb.htm>

DI LEONE, Luciana. **Mujeres que escriben, mujeres que hablan, mujeres que se escuchan: un horizonte colectivo para la poesía brasileña contemporânea**. In: Matéria Frágil. Madrid: Iberoamericana, 2020.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Braga, Portugal: Editora Pax Limitada, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: aula do 14 de março de 1979. In: Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KAYSER, Erich. **Neoliberalismo e necropolítica**. Instituto Humanitas Unisinos, 2019. Acessível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595098-neoliberalismo-e-necropolitica>

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MESQUITA, André. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva**. Dissertação de Mestrado. USP: Departamento de História Social, 2008.

PAIM, Claudia Teixeira. **Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea**. Tese de doutorado. UFRGS: Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, 2009.

SEVILLA, Ibriela; LOUISE, Ariele; TISCOSKI, Lu; ARAÚJO, Ana; TONON, Elisa; PEREIRA, Juliana; BEN Juliana. **Revoluta – coletiva abrasabarca**. Florianópolis: Caiaponte edições, 2019.

<https://abrasabarca.com/>

<https://www.facebook.com/slamdasminasrj/>

<https://www.facebook.com/SlamdasMinasSP/>